

# **Ensino médio: tendências estatísticas recentes e persistência de interrogações**

**Silvia Regina dos Santos Coelho**

## **Resumo**

A falta de atratividade da escola, apesar das recompensas econômicas ao aumento da escolaridade, tem sido focalizada pela literatura especializada como grave problema, uma vez que se afasta da juventude. O presente trabalho verifica o comportamento recente destas tendências por meio das estatísticas populacionais e educacionais. Os resultados indicam que a redução das matrículas não foi revertida, entretanto, as taxas de reprovação e abandono, bem como a taxa líquida de escolarização, avançam, se bem que muito vagarosamente. A educação profissional cresce acelerada como uma opção de preparo para a população. Por fim, constatou-se um declínio nas matrículas da educação de jovens e adultos (EJA) e do ensino médio no período noturno, possivelmente, por causa do afastamento escolar de indivíduos com histórico de fracasso no ensino fundamental e médio.

**Palavras-chave:** Ensino médio; Sucesso escolar; Educação de jovens e adultos.

## **1 INTRODUÇÃO**

O ensino médio no Brasil alcançou acelerado crescimento das matrículas nos anos 90 e no início do novo século, todavia, passou a declinar continuamente desde 2004. No entanto, a coorte de 15 a 17 anos tem pequena redução, no processo de envelhecimento da população do Brasil, desproporcional à diminuição das matrículas. Como estuário da educação básica, o ensino médio apresenta alto grau de distorção idade-série, em parte resultante do atraso no ensino fundamental, sobretudo nos seus anos finais.

Em outras palavras, o ensino médio, além dos seus graves problemas, continua a arrastar a pesada âncora do ensino fundamental. Ao receber alunos defasados, a escola média precisa competir com outros interesses, como o trabalho, e o próprio protagonismo juvenil.

Diante dessa problemática, a presente pesquisa busca analisar dados secundários extraídos dos Censos Educacionais e das estatísticas populacionais oficiais, a fim de apresentar respostas as seguintes indagações: 1) O ensino médio continua a atrair menos alunos? 2) Como se encontra esta situação à luz das últimas estatísticas disponíveis? 3) Quais as variações no que concerne aos turnos diurnos e noturnos? E, entre o ensino

regular e a educação de jovens e adultos (EJA)? 4) O insucesso escolar, mensurado pela reprovação e abandono, tende a diminuir? 5) Se o trabalho é um possível competidor do ensino médio, como se comportam as matrículas da educação profissional?

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

A presente pesquisa se propõe a verificar por meio da análise de dados secundários dos Censos Educacionais e das estatísticas populacionais oficiais, quais as tendências das matrículas do ensino médio nos últimos anos.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Verificar quais as variações das matrículas do ensino médio estratificando por turno e modalidade, e se persiste a tendência de declínio;
- Verificar qual a tendência do ajustamento idade-série segundo as taxas bruta e líquida de escolarização;
- Verificar qual a tendência do insucesso escolar, manifesto pela reprovação e abandono;
- Verificar em que medida a educação profissional nos últimos anos tem atraído mais alunos nas suas várias formas de oferta.

## **3 METODOLOGIA**

Esta pesquisa pode ser classificada como exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa, uma vez que aprofunda o conhecimento de questões relevantes do ensino médio. Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa, este trabalho usa dados secundários de bancos de dados oficiais de órgãos federais. Os dados foram agregados pela média dos respectivos valores considerando-se a região geográfica.

No site do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-(INEP) foram obtidas as quantidades de alunos matriculados do ensino médio regular com mais de 17 anos de idade. E por meio do Censo da Educação Básica, disponível no site do INEP foram obtidas as quantidades do número de matrículas do ensino médio regular noturno, números absolutos e percentuais sobre a matrícula total no período de 2006-2013.

No site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE) e pela Pesquisa Nacional por Amostragem por Domicílio – (PNAD) foram obtidas as

quantidades de alunos matriculados no Brasil e regiões: matrículas totais no ensino médio regular. E por meio do Censo demográfico do IBGE, a população de 15-17 anos em 2010.

#### **4 O ENSINO MÉDIO NA LITERATURA**

A literatura recente sobre o assunto constata um quadro de impacto negativo das desigualdades sociais, de insucesso escolar e do aparente desinteresse dos jovens em continuar os seus estudos no nível médio. Assim, constata que o aumento do acesso se deve antes de tudo às redes estaduais, porém as matrículas totais decaem desde 2004, as da EJA desde 2007 e as do ensino médio regular noturno desde 2003.

Grande parte do grupo etário de 15 a 17 anos se encontra na escola, mas não no nível médio, embora a taxa de escolarização líquida aumente e a regularização do fluxo se efetue num ritmo lento. Conquanto a escolarização ganhe a corrida com o crescimento demográfico (que, aliás, tende a arrefecer-se), o Brasil o faz não a passos de lebre, mas de tartaruga. Neste panorama, a atração pelo trabalho é inegável, fruto certamente da baixa renda, mas também da falta de atratividade da escola, tanto que muitos buscam o trabalho, mas relativamente poucos o conseguem (GOMES et al., 2011).

Um problema de grande vulto continua a ser a distorção idade-série. Traça-se um quadro altamente desfavorável ao sucesso escolar quando o aluno chega ao ensino médio com atraso: cada ano adicional de idade reduz as oportunidades médias de permanecer no ensino regular em nada menos que 12,3% (PONCZEK; PORTELLA; ALBUQUERQUE, 2013).

De fato, mesmo não tendo sucesso, os alunos permanecem por algum tempo na escola média antes de se evadirem (FERNANDES, 2008), indicando a pressão, inclusive, das crescentes exigências de anos de estudo pelo trabalho. Contudo, aqueles que não frequentam o ensino médio tendem a serem os de menor renda (BARROS; MENDONÇA, 2008). As desigualdades sociais, envolvendo sexo, etnia e renda, são persistentes, com efeitos negativos sobre a escolarização, em especial dos jovens não herdeiros do capital cultural, isto é, em grande parte o grupo que teve acesso mais recentemente ao ensino médio (PAULA, 2012).

O trabalho parece um grande atrativo tanto para deixar a escola, como para permanecer nela. Em 2009 a população economicamente ativa (que trabalhava e buscava trabalho) era pouco superior a um terço (36,0%) da coorte de 15 a 17 anos, no

entanto, só 12,1% estavam ocupados. Destes, inclusive pela menoridade (a idade mínima de admissão ao trabalho é de 16 anos), ainda menor proporção conseguia ter a carteira profissional assinada (GOMES et al., 2011). Em outros termos, quem procura raramente acha. O trabalho não seria, portanto, um rival formidável para o ensino médio. Pode ser que já o tenha sido. Porém, sob outro ângulo, o emprego pode ser um incentivo a continuar os estudos.

É significativo que Lobato e Labrea (2013) constatem que os jovens com carteira assinada estão bem distribuídos nos níveis de escolaridade, aumentando proporcionalmente entre os que prosseguem a sua frequência no ensino médio. Seria então o trabalho tanto uma força centrífuga como centrípeta em relação à escola? O trabalho, provavelmente precário, poderia afastar os jovens, enquanto o emprego formal poderia induzir aos estudos?

Supostamente ao menos parte dos estudantes trabalhadores migraria para a Educação de jovens e adultos (EJA). Com efeito, nas regiões com mais altos salários alunos do ensino médio regular tendem a migrar para a EJA, em especial aqueles que sofrem as maiores exigências de sustento, isto é, homens, pessoas com mais idade e chefes de família, além de alunos com maior distorção idade-série (LIMA; ALMEIDA, 2012). Apesar disso, o ensino regular ainda atrai mais alunos que a EJA, mesmo entre os mais velhos. Por outro lado, a EJA também atrai alunos do ensino regular cuja idade é compatível com a série (PONCZEK; PORTELLA; ALBUQUERQUE, 2013).

Há, pois, repetidos indícios de que a escola média tem baixa atratividade entre os jovens em idade de frequentá-la. Não se trata apenas do efetivo trabalho ou da maternidade, que representam percentuais relativamente pequenos da coorte em exame (GOMES et al., 2011), mas também a competição entre EJA e ensino regular para uma parte dos alunos. Coerentemente, Neri et al. (2011) verificaram que, apesar do alto retorno econômico da educação, 17% da população de 15 a 17 anos de idade em 2007 estavam fora da escola, em particular fora da escola média. A maioria (40,3%) declarou não ter interesse, 27,1% tinham demandas de renda e trabalho, 21,7% indicou outros motivos e 10,9% apontaram falta de escola. Supõe-se que a racionalidade econômica, que incentiva a estudar mais para obter mais altos rendimentos, é menos poderosa que o desinteresse.

Um currículo extenso, compartimentado, com forte vocação propedêutica e enciclopédica consegue captar e ocupar os interesses dos jovens? Sposito e Galvão (2004) encontraram um declinante entusiasmo do discente, ao longo do ensino médio. A

aceleração do tempo de vida do jovem se encontra em descompasso com a escola, cujo ritmo se mantém diferente ao longo do tempo. Ou, nas palavras de Krawczyk (2011, p. 763), a “cultura escolar [é] incipiente para o atendimento dos adolescentes e jovens das parcelas mais pobres da população”. Decerto a falta de ousadia da escola onera sobretudo os que detêm menos capital cultural, entretanto, o tédio e o desinteresse não se restringem a eles (DUBET; MARTUCCELLI, 1996).

Afinal, se o acesso e a democratização têm avançado, esta última em particular, por meio das escolas estaduais, a qualidade continua a ser um desafio. Ampliar quantitativamente a educação é mais fácil do que qualificá-la. Por isso mesmo, Nonato et al. (2012) notam a clara tendência de aumento do número de anos de estudo da população em idade ativa, em contraste, todavia, com o modesto nível de desempenho.

## 5 O COMPORTAMENTO DAS MATRÍCULAS

O ensino médio regular tem mantido tendência de leve declínio, inclusive no período observado na tabela 1, embora apresente oscilações. De 2006 a 2013 a redução foi da ordem de 6,7% para o país, havendo exceção somente para a Região Norte, que, apesar das mudanças, teve aumento de 2,9%. A Região Nordeste, apesar dos seus modestos indicadores educacionais, foi a que perdeu mais, isto é, 14,2%, de maneira contínua. A Região Sul diminuiu 5,5% em relação a 2006, porém manteve o mesmo número de 2007. O Sudeste perdeu 4,2% e o Centro-Oeste, 2,6%, mas experimentou um incremento de 9,4% em face de 2009. Apesar do envelhecimento da população brasileira, segundo a PNAD, o grupo etário de 15 a 17 anos, idade adequada para cursar o ensino médio regular, variou de 10.374 mil para 10.445 mil no mesmo intervalo de tempo, com a proporção sobre o total da população passando de 5,4% para 5,3%. Não sendo uma questão demográfica, é preciso buscar no fluxo de efetivos discentes os motivos para o fenômeno, isto é, no fracasso escolar.

Tabela 1: Brasil e regiões: matrículas totais no ensino médio regular – 2006-2013 (números em milhares)

Anos	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Brasil	8.907	8.369	8.366	8.281	8.358	8.401	8.377	8.313
Norte	756	730	715	661	739	755	773	778
Nordeste	2.693	2.526	2.538	2.509	2.425	2.401	2.354	2.311
Sudeste	3.598	3.353	3.375	3.437	3.431	3.479	3.475	3.447
Sul	1.214	1.147	1.144	1.132	1.139	1.137	1.141	1.147
C.-Oeste	647	612	595	576	624	628	634	630

Fonte: IBGE (2013b).

**Observação:** O arredondamento pode ter levado a pequenas alterações dos totais.

Poder-se-ia cogitar que, sendo o ensino médio a última etapa da educação básica, a distorção idade-série levaria os interessados a se matricularem na EJA, tendo eles alcançado o limite etário. No entanto, a tabela 2 indica que esta modalidade educacional tem matrículas minguantes: no intervalo estudado, a perda foi de 24,3%, várias vezes maior que a do ensino regular.

Em 2006, o número de alunos representava 16,4% do total e em 2013, desceu para 13,7%. Com isso, a soma das matrículas nas duas modalidades do ensino médio caiu 9,6%, significando que os jovens, mesmo atendendo aos respectivos critérios de idade, não aproveitaram a chamada educação de segunda oportunidade. O comportamento das estatísticas não sugere a direção de melhoria.

Tabela 2: Brasil: matrículas totais no ensino médio segundo a modalidade (números em milhares) – 2006-13.

<b>Modalidades</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>
Ensino médio regular	8.907	8.369	8.366	8.337	8.358	8.401	8.377	8.313
Ensino médio EJA	1.751	2.268	1.635	1.547	1.427	1.364	1.346	1.325
Total	10.657	10.638	10.001	9.884	9.785	9.765	9.723	9.638

Fonte: Brasil (2013a).

**Observação:** O arredondamento pode ter levado a pequenas alterações dos totais.

A tabela 3 mostra, entretanto, avanços lentos ao relacionar matrículas e população. Nos sete anos observados, a taxa bruta de escolarização do ensino médio regular (e tão somente regular) exhibe uma perda de 5,8%, cotejando os anos inicial e final da série histórica. Neste cálculo se consideram todos os alunos matriculados, inclusive aqueles com maior ou menor defasagem idade-série, o que leva a considerar que surtem efeito as medidas para desengarrar o fluxo de alunos, corrigindo a relação idade-série.

Já a taxa líquida, que leva em conta somente os alunos na idade correta, subiu 12,8 pontos percentuais, significando que o país avançou devagar no sentido de ampliar o acesso ao ensino médio. Aparentemente quanto mais adequada é a idade de ingresso no ensino médio, maior pode ser a tendência de iniciá-lo e concluí-lo.

Uma herança de reprovações e o aumento do custo de oportunidade de estar na escola (com mais idade, aumentam as possibilidades e as necessidades de conseguir um trabalho, bem como a renda resultante, entre outros objetivos). De qualquer modo,

avançou-se pouco, superando a cobertura de metade da população de 15 a 17 anos de idade somente em 2010, segundo a estimativa.

Tabela 3: Brasil: taxas de escolarização bruta e líquida do ensino médio – 2006-2012 (em %)

Anos	Taxa bruta	Taxa líquida
2006	85,9	40,3
2007	81,5	44,5
2008	80,5	50,7
2009	80,0	49,7
2010	80,2	50,7
2011	79,4	51,5
2012	80,1	53,1

Fonte: Brasil (2013b).

**Observação:** A taxa bruta é a proporção da matrícula total sobre a população de 15-17 anos de idade, enquanto a taxa líquida é a proporção da matrícula total menos os alunos com mais de 17 anos de idade sobre a população de 15 a 17 anos. Não foram considerados defasados os alunos de menos de 15 anos. Na matrícula incluíram-se os cursos de magistério e o ensino médio integrado. Trata-se de uma estimativa, visto que foram utilizados dados primários com fontes metodologicamente diversas: para a matrícula, o Censo Educacional e para a população, a PNAD e o Censo Demográfico de 2010.

Além da EJA, a população defasada poderia também procurar o ensino médio regular noturno, trabalhando e estudando ou só estudando com colegas de faixa etária similar à sua. É o que busca verificar a tabela 4. Ao contrário, os dados mostram que o declínio das matrículas no período noturno é maior que o do total: o Brasil recuou 37,3%, mais de um terço, em oito anos. A Região Nordeste superou esta média, com 49,0%, apesar dos seus modestos indicadores educacionais em geral. Seguiram-se, pela ordem, as Regiões Centro-Oeste (33,9%), Sudeste (32,4%), Norte (31,3%) e Sul (28,0%). A participação em relação ao total também diminuiu: no país como um todo, em 2006 o ensino noturno representava perto da metade da matrícula total, quando em 2013, passou a menos de um terço, ou seja, 28,8%.

Mais uma vez o Nordeste saiu do percentual mais elevado, 46,2%, para o menor das cinco regiões, 27,5%. Isso significa que tem avançado o ensino médio diurno, frequentado predominantemente pelo grupo etário de 15 a 17 anos, o que se reflete no aumento da taxa líquida de escolarização de 40,3% para 53,1%. Não fosse isso, o declínio das matrículas seria ainda maior.

No que tange ao grupo que cursa este nível educacional na idade correta, o país ruma na direção certa, mas com passos muito curtos. E quanto aos jovens e adultos que não buscam nem o ensino regular noturno nem a educação de jovens e adultos? Teriam eles considerados encerradas as suas vidas escolares em face de insucessos anteriores? Permaneceriam estes com o ensino fundamental completo ou incompleto ou, ainda, como evasores do ensino médio enquanto se elevam as exigências escolares para o trabalho? Estaríamos ganhando aos poucos a batalha da população de 15 aos 17 anos e perdendo a batalha para os demais?

O que será daqueles que param de estudar quando estiverem no termo da juventude, aos 29 anos, ou no meio e fim da sua vida laboral? Esta tende a estender-se cada vez mais, em face do crescimento da longevidade e do adiamento da aposentadoria, como resultado, inclusive, do envelhecimento populacional (GOMES, 2011). Tendo deixado os estudos há mais tempo, este grupo, em parte marginalizado, em parte possivelmente integrado por nem nem (nem estudam nem trabalham), como conseguiriam reatar a sua trajetória na escola e ser bem sucedidos?

Tabela 4: Brasil e regiões: número de matrículas do ensino médio regular noturno, números absolutos e percentual sobre a matrícula total– 2006-2013.

Anos	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<i>Brasil</i>	3.817	4.917	3.270	3.087	2.901	2.748	2.574	2.394
%	42,9	41,2	39,2	37,3	34,7	32,7	32,9	28,8
<i>Norte</i>	368	330	305	292	278	271	263	253
%	48,7	45,2	42,7	44,2	37,6	35,9	34,0	32,5
<i>Nordeste</i>	1.246	1.128	1.068	1.005	882	793	711	636
%	46,2	44,4	42,1	40,1	36,4	33,0	30,2	27,5
<i>Sudeste</i>	1.484	1.340	1.284	1.213	1.188	1.149	1.083	1.003
%	41,2	40,0	38,0	35,3	34,6	33,0	31,2	29,1
<i>Sul</i>	465	424	404	578	365	355	343	335
%	38,3	37,0	35,3	33,4	32,0	31,2	30,1	29,2
<i>C.-Oeste</i>	254	230	210	197	188	180	174	168
%	39,3	37,6	35,3	34,2	30,2	28,7	27,4	26,7

Fonte: Brasil (2013a).

**Observação:** inclui cursos de magistério e médio integrado. O arredondamento pode ter levado a pequenas alterações dos totais.

No que tange aos principais indicadores de rendimento, a reprovação e a evasão, a tabela 5 patenteia que o Brasil caminha ainda mais devagar, conquanto aparentemente na direção certa. No período de seis anos a taxa de reprovação total no ensino médio

regular recuou 0,5% se forem considerados os anos inicial e final da série. Chegou a haver um aumento para 13,1% em 2011.

A primeira série se mostra barreira expressiva, com uma taxa mais alta, que não dá sinais de cair. Por seu lado, as taxas de abandono são com mais frequência inferiores às de reprovação, sugerindo a persistência dos alunos em prosseguirem. Somando, porém, reprovação e abandono para 2012, se tem 21,3% de perdas, cerca de um quinto do alunado.

Mais uma vez emergem as perguntas: a repetência contribui para elevar a proficiência discente? Em que bases se realizam as reprovações? Onde há mais reprovações tende a haver maior proficiência? Além do fracasso escolar, qual o grau de atratividade dos currículos para a vida dos jovens? Trata-se de mais de uma dezena de matérias, usualmente compartimentadas.

Historicamente a função propedêutica tende a levar a palma sobre a formativa, segundo o velho divisor de águas entre a escola para os nossos filhos e a escola para os filhos dos outros. Tendo em vista o desajustamento idade-série e o provável interesse dos jovens em preparar-se para o trabalho, em princípio crescente com a idade, qual o comportamento das matrículas na educação profissional?

Tabela 5: Brasil: Taxas de reprovação e de abandono no ensino médio regular, total e primeira série (%), 2007-2012.

Anos	Taxa de reprovação		Taxa de abandono	
	Total	1ª série	Total	1ª série
2007	12,7	16,4	13,1	16,5
2008	12,3	16,3	12,8	15,9
2009	12,6	17,3	11,5	14,1
2010	12,5	17,2	10,3	12,5
2011	13,1	18,0	9,5	11,8
2012	12,2	16,8	9,1	11,6

Fonte: Brasil (2013b).

A tabela 6 apresenta as três opções do Censo Educacional, educação profissional integrada ao ensino médio, concomitante e subsequente. Trata-se, é claro, da educação de nível técnico. A implantação de nova perspectiva e currículos no ensino médio mostra a expansão da primeira: a matrícula aumentou 393,0% no período de sete anos, um dos fatos mais marcantes da história da educação profissional no Brasil, com frequência considerada um patinho feio. Com isso, a concomitância, isto é, a frequência ao mesmo tempo ao ensino médio regular e à educação profissional, se reduziu em 39,4% entre 2007 e 2011.

Apesar do contínuo incremento da educação profissional integrada ao ensino médio, voltou a um crescimento da ordem de 64,0% até 2013. Por fim, a opção subsequente, ou seja, cursar o ensino médio e depois a educação profissional apresenta uma trajetória variável, com um pico em 2009, seguido de queda em 2010 e retorno ao crescimento até 2013.

Esta é a alternativa com maior matrícula em todos os anos observados, às vezes por ampla margem. É possível que tal preferência se origine do peso da carga horária tanto do ensino médio regular quanto da educação profissional.

A simultaneidade de ambos pode dificultar a realização de outras atividades, ainda mais contando com as dificuldades do transporte público tanto nas áreas urbanas quanto rurais. Por sinal, o ensino médio continua quase exclusivamente urbano (4,0 % das matrículas no ensino regular em 2013), o que aponta uma desigualdade grave, ainda mais que as exigências escolares para o trabalho no campo também tendem a aumentar.

Somando as três opções da educação profissional, se obtém uma série quase sempre crescente que denota acentuada atratividade. De fato, em 2007 o total das três representava 9,2% da matrícula no ensino médio regular, ao passo que quase dobrou, chegando a 17,3% em 2013. Ainda assim, vale considerar que menos de um quinto dos alunos do ensino médio, ainda que já o tenham concluído, estão envolvidos com a educação profissional.

A última coluna da tabela 6 oferece uma dimensão do ritmo de crescimento ou decréscimo do total de matrículas. Após dois anos consecutivos de incremento perto dos 20%, expansão que pode ser considerada rápida para o setor educacional, verifica-se uma queda em 2010, seguida de um pico de crescimento em 2011. Em seguida, o aumento arrefece, chegando a 5,8% em 2013-12. Será importante verificar o que ocorrerá de 2014 em diante.

Tabela 6: Brasil: Distribuição da matrícula da educação profissional concomitante, subsequente e integrada ao ensino médio (em milhares), 2007-13.

Anos	Integrada ao ensino médio	Concomitante	Subsequente	Total	Varição interanual (%)
2007	86	312	372	770	-
2008	132	377	414	923	19,9
2009	176	306	555	1.037	12,4
2010	216	217	526	959	- 7,5
2011	258	189	805	1.252	30,6
2012	299	240	823	1.362	8,8
2013	338	310	793	1.441	5,8

Fonte: Brasil (2013a).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam a continuidade do declínio das matrículas do ensino médio como um todo, com as perdas aumentando nesta ordem: ensino regular, EJA e ensino regular noturno. A tendência não foi até agora revertida, apesar da próxima extensão da obrigatoriedade escolar até aos 17 anos de idade. Mais grave é que provavelmente uma parte da juventude pode estar perdida, já que a EJA e o ensino médio noturno encolhem ano a ano. Não será surpreendente constatar, dependendo do local e da situação, redução de turmas e estabelecimentos, contração do número de funções docentes e diminuição do tamanho das turmas, não por opção pedagógica, mas pela mera falta de alunos. Reflexos preocupantes quando há tantos jovens fora da escola e a população nacional rumo para o envelhecimento.

Apesar desta contração lenta, mas contínua, notam-se melhorias persistentes e similarmente vagarosas na taxa de escolarização líquida. Surte algum efeito às medidas em favor da correção do fluxo de efetivos discentes, ainda mais considerando que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) a premia. Mesmo assim, pouco mais de metade da coorte frequenta o ensino médio regular. Na mesma direção positiva e igualmente lenta vão as taxas de reprovação e abandono.

No âmbito do ensino médio regular, a primeira série continua a ser um dique formidável em face dos alunos que transpõem a por si só difícil ponte do ensino fundamental para a etapa seguinte da educação básica. Com tudo isso, o ensino médio continua a carregar a pesada âncora do atraso no ensino fundamental, mas não faz nada muito diferente do figurino no que tange à promoção do sucesso escolar. Ou seja, precisamos melhorar fundamentalmente a escola dos adolescentes e dos jovens, se é que aprendemos a fazê-la.

Em relação ao preparo para o trabalho, a educação profissional pode festejar um alto crescimento, que, a confirmar-se ou não, dá sinais de diminuição de ímpeto nos últimos anos. Nota-se também o constante e expressivo incremento da matrícula na educação profissional integrada ao ensino médio.

Em contraste, a opção subsequente continua a predominar. Currículos congestionados seriam um fator de adiamento da educação profissional, além da falta de

oportunidades, das exigências do trabalho de que os jovens tomam consciência ao ingressar na população economicamente ativa e outros aspectos? No todo, amplia-se a proporção de alunos que cursam a educação profissional em face do ensino médio, porém no todo o percentual é muito modesto.

Renovando as palavras, o ritmo do Brasil continua a não ser de lebre, mas de tartaruga. Resta o consolo de não ser de caranguejo. O problema é que o país não está sozinho num mundo cada vez mais interdependente e exigente. Nele certamente existem países que mal acompanham os passos da tartaruga. Em situações graves, de conflitos domésticos e internacionais, lamentavelmente, se encontra o recuo. Sem dúvida, porém, muitos países caminham ou correm a passo de lebre.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Ricardo Paes; MENDONÇA, Rosane. Abandono e evasão do ensino médio no Brasil: magnitude e tendências. In: SEMINÁRIO A CRISE DE AUDIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Instituto Unibanco, 2008. p. 7-42. Disponível em:

<[http://www.fvc.org.br/pdf/rise\\_de\\_audiencia\\_no\\_ensino\\_medio.pdf](http://www.fvc.org.br/pdf/rise_de_audiencia_no_ensino_medio.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **Censos da educação básica**. 2013a.

Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>.

Acesso em: 26 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **Indicadores educacionais**. 2013b. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **Sinopses estatísticas da educação básica**.

2013c. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>.

Acesso em: 26 jun. 2014.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. **À l'école: sociologie de l'expérience scolaire**. Paris: Seuil, 1996.

FERNANDES, Reynaldo. Estão os jovens brasileiros abandonando o ensino médio. In: SEMINÁRIO A CRISE DE AUDIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO, 2008, São Paulo.

**Anais...** São Paulo: Instituto Unibanco, 2008. p. 45-50. Disponível em:

<[http://www.fvc.org.br/pdf/rise\\_de\\_audiencia\\_no\\_ensino\\_medio.pdf](http://www.fvc.org.br/pdf/rise_de_audiencia_no_ensino_medio.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2014.

GOMES, Candido Alberto et al. Ensino médio: decifra-me ou te devoro? **Boletim Técnico do Senac**, v. 37, n. 1, p. 49-59, jan./abr. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Matrículas de alunos do ensino médio regular com mais de 17 anos de idade – tabulações do**

INEP/MEC. População de 15-17 anos, exceto 2010. 2013a. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=261&z=pnad&o=3&i=P>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População de 15-17 anos em 2010**. Censo demográfico de 2010, tabela 1378. 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1378&z=cd&o=7&i=P>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População residente, por situação, sexo e grupos de idade**. 2013b. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=pnad&o=3&i=P&c=261>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 144, p. 752-764, set./dez. 2011.

LIMA, Maria do Carmo Walbruni; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Juventudes, defasagem escolar e ensino noturno: reflexões sobre a inserção de jovens entre 15 e 17 anos na educação de jovens e adultos – EJA. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DIÁLOGOS JUVENIS: DIMINUINDO DISTÂNCIAS ENTRE NARRADORES E PESQUISADORES, 2012. **Anais...** [S.l.]: Laboratório das Juventudes, 2012. p. 1-10.

LOBATO, Ana Laura; LABREA, Valéria Viana. Juventude e trabalho: contribuições para o diálogo com as políticas públicas. **Boletim Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**, v. 18, n. 55, p. 33-38, ago. 2013.

NERI, Marcelo C. et al. **Tempo de permanência na escola**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/tpe/>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

NONATO, Fernanda J. A. P. et al. O perfil da força de trabalho brasileira: trajetórias e perspectivas. **Boletim Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**, v. 17, n. 51, p. 29-42, maio 2012.

PAULA, Simone Grace de. **Desigualdades e desempenho escolar no processo de escolarização da juventude**: uma análise contextual sobre a expansão do ensino médio na região metropolitana de Belo Horizonte. 2012. 370 f. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-92YMAU/tese\\_versao\\_final.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-92YMAU/tese_versao_final.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 23 maio 2014.

PONCZEK, Vladimir; PORTELA, André; ALBUQUERQUE, Priscilla. **Uma análise dos fatores associados à frequência ao ensino médio na educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil**. São Paulo: FGV, 2013. p. 1-30. (Working Paper, n. 351).

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **Perspectiva**, v. 22, n. 2, p. 345-380, jul./dez. 2004.